

Azeredo quer paz na terra dos índios

↳ Governo busca alternativas que evitem confronto entre fazendeiros e Maxakali



WASHINGTON ALVES

○ GOVERNADOR recebeu um cocar da Índia Maxakali, além de um abaixo-assinado internacional

O governador Eduardo Azeredo não se posicionou em relação ao polêmico Decreto 1.775/96, que beneficia os fazendeiros, durante encontro ontem à tarde, no Palácio da Liberdade, com representantes de povos indígenas e de organismos ligados às questões dos índios. O governador, entretanto, já busca alternativas pacíficas sobre o conflito entre fazendeiros e os índios Maxakali, no Vale do Mucuri.

O encontro também serviu para revitalizar oficialmente a Comissão Estadual de Assuntos Indígenas. O governador recebeu o abaixo-assinado internacional, com 45 mil assinaturas, para a homologação das terras Maxakali e o resultado das discussões e propostas do 1.º Seminário de Políticas Públicas Indigenistas.

Segundo o secretário Eduardo Barbosa, do Trabalho e Ação Social, a revitalização Comissão Estadual

de Assuntos Indígenas vai propiciar ações conjuntas para a melhoria da qualidade de vida dos povos indígenas de Minas Gerais. Esta comissão é diferente da anterior, pela inclusão de representantes indígenas, através do Conselho de Articulação dos Povos Indígenas de Minas Gerais. Para Luís Lobo, membro do Conselho Indigenista Missionário, a participação direta dos índios significa um avanço para o reconhecimento da organização informal dos povos indígenas.

Ação conjunta

Além do Conselho dos Povos Indígenas, participam também desta comissão representantes das Secretarias do Trabalho, Educação, Cultura, Segurança, Justiça, Agricultura, Habitação e Meio Ambiente, além da Funai e Ruralminas. O Centro de Documentação Elói Ferreira da Silva (Cedefes), que trabalha essencialmente com a cultura indígena,

na, participará como convidado oficial permanente.

O governador se comprometeu a defender a agilização da homologação das terras Maxakali e fazer um contato pessoal com o ministro da Justiça, Nelson Jobim, sobre o assunto. Eduardo Azeredo se dispôs a estudar o assunto para se posicionar em relação ao Decreto 1.775/96, que dá margem a que invasores de terras indígenas contestem as demarcações das reservas feitas pelo governo. Segundo o secretário Eduardo Barbosa, a Funai de Minas Gerais não recebeu nenhuma contestação e a Emater fará um levantamento de terras improdutivas do Estado na região de Bertópolis, para permutar com fazendeiros das áreas de conflito com os Maxakali, numa tentativa de negociação pacífica. "Esta será uma solução mineira para um conflito que já dura anos", completou o secretário. Leia o editorial "Uma raça ameaça", na Página 6



FREDERICO HAICAL

FUNCIONÁRIOS DA SLU se caracterizaram de Índios, confundindo-se com os legítimos Pataxó

Tribos se misturam no Centro

A "tribo" urbana da Praça da Rodoviária foi invadida ontem por outra muito mais legítima: a tribo dos índios Pataxó. Disputando com camelôs, ilusionistas, lambelambes e bêbados, os índios predominaram no dia deles, 19 de abril. A festa foi organizada pela SLU, com o nome de "SLU pinta a cara e entra para a tribo da limpeza", e teve a participação dos índios, atores e *formiguinhas* da SLU.

Antes de chegar à Praça da Rodoviária, o cortejo percorreu a pé as ruas do centro da cidade com nomes indígenas, como Tupis, Tupinambás e Guaranís. Foram distribuídos adesivos com os dizeres "Estou deixando a cidade mais limpa. E você?", além de folhetos explicativos. Na região percorrida ontem, são recolhidos diariamente 19 toneladas de lixo e gastos 600

sacos plásticos, além do trabalho de 208 garis.

A festa terminou na Praça da Rodoviária, onde, primeiro, os índios apresentaram as danças típicas "maracatei" (dança da luta), "penaô-baixo" (índio pisa bonito no rastro dos outros) e "canhã di pê" (eu sou um índio, sou malcriado, sou bom na flecha, eu sou danado). Segundo o cacique Mongangá, a demonstração era também de solidariedade ao movimento dos sem-terra.

Depois dos índios, foi a vez do grupo de teatro da SLU realizar a *dança da limpeza*, invocando o espírito do bem a quem assistia ao espetáculo. Os garis rodearam as apresentações, com a cara pintada imitando índio, empunhando seus instrumentos de trabalho - vassouras, pás de lixo e carrinhos. "A gente precisa de uma população

mais unida com as *formiguinhas*, assim como os índios", explicou a garí Maria das Dores Moreira, 17 anos de profissão.

O evento contou com uma plateia curiosa. A maioria nunca tinha visto um índio de perto. "Está uma beleza, é a melhor brincadeira que já vi nos 20 anos em que estou morando em BH", afirmou emocionado Antônio da Viola, o violeiro da praça. "É bom que se veja que existe outro tipo de pessoas", disse por sua vez Américo Ferreira, que se definiu como "muito viajado". O espetáculo roubou toda a cena do Mestre Carcará, ou Renato José dos Santos, que faz apresentações diárias na Praça da Rodoviária, "vendendo seu peixe", através de números de magia e ilusionismo. Mas ele não ligou: "Aqui todo mundo tem seu espaço".

165 2